

Leitura: Uma Busca Por Libertação

Reading: A Search for Freedom

Janaína Vieira ¹
Cátia Martins ²

RESUMO:

Este texto discute os efeitos da leitura acrítica e crítica da palavra e do mundo, baseado na obra do educador Paulo Freire e sua equipe, durante suas atuações no processo de alfabetização de adultos que possam ser apontadas como facilitadoras para promover além da alfabetização a formação leitora. Para, além disso, buscar-se-á o enlace com as teorias de outros pensadores, a fim de tentar fazer desse trabalho um ponto de partida para novas pesquisas e ações em prol de se pensar uma formação leitora crítica de maneira que seja sempre uma temática atual e em pauta para todos os educadores. Assim como, que se possa agir a partir dessas reflexões colocando-as em prática nas nossas salas de aula. E, ainda nessa perspectiva, como objetivo final, instigar os educandos a trilharem novos caminhos, esperarçar novos horizontes através do *input* possibilitado pela experiência de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Ação; Formação de Leitores.

¹Mestranda em Processos e Manifestações Culturais – Universidade Feevale. E-mail para contato: vieirajana@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9536869694002263>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8780-3943>

² Professora no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). E-mail para contato: catia.martins@feliz.ifrs.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2155655910224874>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7355-0191>

ABSTRACT: This text discusses the effects of uncritical and critical reading of the word and the world, based on the work of the educator Paulo Freire and his team, during their performances in the adult literacy process that can be identified as facilitators to promote reading literacy beyond literacy. In addition, it will seek to link with the theories of other thinkers, in order to try to make this work a starting point for new research and actions in favor of thinking about a critical reading formation in a way that is always a current thematic and on the matter for all educators. As well, that we can act on these reflections by putting them into practice in our classrooms. And, still in this perspective, as a final objective, to instigate students to tread new paths, to hope for new horizons through the input made possible by the reading experience.

KEYWORDS: Reading; Action; Training of Readers.

Leitura para quê?

Ao realizar a leitura de algumas das obras do educador Paulo Freire, foi possível embarcarmos por uma viagem em busca de experiências que fomentam um dos nossos maiores desejos enquanto educadores: a tentativa incansável de promover uma educação libertadora e transformadora. Por acreditarmos na leitura como uma das mais importantes ferramentas para que esse nosso desejo de ação, transformação e libertação sejam efetivados nas nossas salas de aula, é o que nos faz dar a este trabalho um foco direcionado ao ato de ler.

Sendo assim, os objetivos desse estudo são, inicialmente, realizar uma análise bibliográfica sobre os conceitos de leitura expostos pelo educador Paulo Freire (2001; 2014; 2017; 2020), estabelecendo na sequência relações desses conceitos com os de outros autores como Michelè Petit (2009; 2010), Alberto Manguel (1997), Igedore Koch (2017), Vanda Elias (2017) e Vicente Jouve (2002), e posterior a isso, nos fazer refletir sobre como podemos contribuir para formação de leitores críticos, esses capazes de transformar a si e a sociedade em que estão inseridos.

Para que nossos objetivos em relação a este estudo se cumprissem, foram realizados recortes da obra do educador Paulo Freire principalmente no que diz respeito aos conceitos sobre leitura e alfabetização, assim como, as metodologias utilizadas pelo autor para que a formação de leitores e a alfabetização se realizassem de forma eficaz.

Ademais, relacionamos com as considerações apontadas por outros pesquisadores, já citados anteriormente, refletimos sobre a investigação realizada na obra desses autores e por fim apontamos algumas sugestões que podem ser promissoras ao serem utilizadas por nós educadores para fomentarmos a leitura crítica nas nossas salas de aula. Assim como, esses escritos também podem nos instigar a refletir sobre o nosso fazer docente, sobre como estamos apresentando a leitura para os nossos educandos e por último e não menos importante, se as nossas práticas de promoção de leitura estão favorecendo para uma formação libertadora do ser humano ou se, de certa maneira, podemos estar aprisionando-os cada vez mais.

Acreditarmos que, muito embora a formação de leitores seja um assunto frequentemente debatido, pensamos que não o suficiente ao ponto de não ser uma pauta diária da nossa reflexão, enquanto educadores, enquanto escola e enquanto sociedade. Os próprios índices de analfabetismo absoluto e, principalmente funcional corroboram para que a discussão não se encerre. O Brasil ainda detém a marca de 6,8% da população em condição de analfabetismo absoluto, segundo dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018. Esse percentual corresponde a 11,3 milhões de brasileiros nesta situação, quase se igualando à população da capital paulista com 12,2 milhões de habitantes. Agora, segundo dados coletados no mesmo ano de 2018 pela Agência Brasil, em todo o país, 29% da população, totalizando 38 milhões de brasileiros, não apresenta proficiência em compreender e utilizar a informação escrita e refletir sobre ela. Em valores absolutos, uma quantidade de pessoas comparada ao total de residentes no estado de São Paulo, 41, 2 milhões. São considerados analfabetos funcionais sujeitos que têm acesso à escolarização, que frequentam as salas de aula, que foram nossos alunos, que terminam o ciclo de educação básica e não desenvolvem a competência leitora para compreender um recorte de notícia, um folder, uma receita de bolo ou uma bula de remédio.

Nesse sentido, Paulo Freire (2014, p.13) nos auxilia a pensar sobre essa temática no momento em que ele expõe que “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é

apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

E é principalmente nessa possibilidade de escrita e reescrita propiciada através da leitura que nos faz acreditar fortemente nela como um fator primordial para grandes transformações em nós enquanto sociedade. Nesta perspectiva, a autora francesa Michele Petit, contribui dizendo que:

[...]a leitura pode contribuir para o acesso ao conhecimento, apropriação da língua, construção de si mesmo, extensão do horizonte de referência, desenvolvimento de novas formas de sociabilidade... por meio da difusão da leitura, cria-se um certo número de condições propícias para o exercício ativo da cidadania. (PETIT, 2010, p.101)

Quando a autora aponta que a difusão da leitura pode propiciar um exercício ativo da cidadania, é possível estabelecermos um enlace com os conceitos de “escrita” e “reescrita” apresentados por Paulo Freire no que se refere as transformações que podem ser desencadeadas pela leitura. Visto que, ao nosso entender, ambos vislumbram um agir no mundo através da palavra. Ao refletirmos sobre a formação de leitores, muitos questionamentos nos surgem e, nessa discussão, não buscamos encontrar as respostas para todas as perguntas, mas sim, trazermos à tona a reflexão sobre essa tão pertinente temática.

Enquanto educadores, ao refletirmos sobre sistema educacional brasileiro, é possível identificarmos um déficit no que diz respeito ao incentivo à formação de leitores nesse país. Dados divulgados pela 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2021), realizada pelo Instituto Pró-Livro, entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, englobando as cinco regiões brasileiras, mostra queda na quantidade de leituras anuais realizadas em comparação com a última coleta em 2015. Segundo a pesquisa, apenas 26% dos entrevistados leram um livro por gosto no ano de 2019.

Somos capazes de perceber tanto em sala de aula quanto fora dela um grande número de leitores que muitas vezes não são capazes de compreender aquilo que leem na palavra ou no mundo, o que os faz agir como meros decodificadores de signos linguísticos.

A exemplo disso, faz-se pertinente trazermos para a reflexão questões relacionadas ao momento pandêmico que estamos vivenciando em decorrência da Covid 19³. A pandemia trouxe à margem muitas problemáticas a serem discutidas, dentre elas, nos saltou aos olhos um número significativo de pessoas que mesmo diante de informações técnicas que comprovam a letalidade de um vírus, acompanham o crescimento acelerado do número de mortes, conhecem e vivenciam a precariedade do sistema de saúde brasileiro, mas, mesmo assim, são facilmente driblados por discursos que minimizam a gravidade da situação. Além disso, em determinados casos, acreditam em tais discursos ao ponto de se colocarem em risco sem nem pensar em questionar falas que muitas vezes os ferem enquanto seres humanos. Situações como essas, a de dificuldade de compreensão ou da falta de criticidade em relação ao que se lê tanto nas palavras quanto no mundo, fazem parte do que entendemos como leitura baseada no ato de decodificar.

³ OMS – Discurso de abertura do Diretor-Geral da OMS no briefing para a mídia sobre COVID-19 - 11 de março de 2020 – disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-openingremarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>

Pensamos que a dificuldade de compreender determinados textos pode desencorajar as pessoas a serem sujeitos questionadores. Nessa perspectiva, vale nos atentarmos às palavras do professor Paulo Freire (2014, p. 9), no momento em que ele nos alerta para o fato de que “a atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente”.

Desta forma, alicerçado pelos ensinamentos de Freire, entende-se a importância de oportunizar aos nossos educandos estratégias de leitura que sejam sinônimos de oportunidades, ou seja, que tenham como base estimular o autoconhecimento, a ler e a entender o mundo para que se possa, a partir disso, agir de forma autônoma. Isso porque é comum observarmos diversos tipos de alienação e opressão na nossa sociedade e muitas dessas em virtude da escassez de uma educação questionadora em cenário brasileiro.

Com base em tudo que descrevemos até aqui é que esse estudo se justifica, não por ser uma temática nova, mas por entendermos que possa se fazer necessária para a libertação de um povo.

Mas o Que é Leitura?

Para dar conta do que pretendemos, se fez necessário inicialmente apresentarmos o significado da palavra leitura e, para isso, foi importante olharmos através das lentes de alguns estudiosos dessa temática, a começar pelas autoras Ingedore Vilhaça Koch e Vanda Maria Elias, que vão contribuir dizendo que:

[...] a leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. A leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e conhecimentos do leitor; a leitura de um texto exige do leitor bem mais que conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo. (KOCH; ELIAS, 2017, p. 11)

Quando as autoras falam que a leitura pressupõe conhecimentos e experiências por parte do leitor, podemos relacionar com um conceito muito abordado nas obras do professor Paulo Freire, que expõe que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, da mesma maneira que vai dialogar com as palavras do autor Alberto Manguel no momento em que ele nos explica que:

[...] ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo nos rosto do bebê sinais de alegria, medo

ou admiração; o adivinho chinês lendo as marcas antigas na carapaça de uma tartaruga; o amante lendo cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis; o psiquiatra ajudando os pacientes a ler seus sonhos perturbadores; o pescador havaiano lendo as correntes do oceano ao mergulhar a mão na água; o agricultor lendo o tempo no céu – Todos compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos. (MANGUEL, 1997, p. 19).

Deste modo, diante de tais conceitos que nos fazem perceber as grandes dimensões da leitura, a enorme possibilidade de expansão que ela pode propiciar ao ser humano, se aclara cada vez mais que o ato de ler jamais pode ser caracterizado simplesmente pela decodificação de signos linguísticos, decodificar também é parte do ato de ler, como bem nos explica a autora Ingedore Koch (2017).

Destarte, segundo a autora, para que a leitura se efetive, necessita-se uma ação altamente complexa e interativa no que tange à produção de sentidos. Parte-se, então, dos elementos superficiais do texto (e aqui podemos entender como o ato de decodificar os signos linguísticos), mas veja que essa é só a primeira etapa do ato de ler. A autora vai além e nos ensina que posterior à análise superficial do texto, vem o processo de investigação da forma e da organização do mesmo. Segue para a manipulação dos vários saberes linguísticos do evento comunicativo e nesse caso podemos elencar duas ações importantes, a primeira é levar em conta as experiências do leitor, sendo a segunda considerar os conhecimentos prévios dele.

Será que se apresentássemos um conceito tão belo de leitura como a do autor Alberto Manguel aos nossos estudantes não mudaríamos a relação deles com a leitura? Pensamos que ao expor todas essas facetas da leitura abriríamos espaço para que os estudantes trouxessem suas leituras de mundo a partir das suas lentes para a sala de aula e, a partir disso, abrir-se-ia um espaço de conexão entre os textos mais formais do ambiente escolar e as vivências dos estudantes, promovendo uma proximidade entre um e outro.

A partir das reflexões apontadas, podemos começar a criar um esboço do que é a leitura. Portanto, se dissermos que a leitura é um processo de autoconhecimento, compreensão de si e do mundo, de interação entre os sujeitos, processo de libertação, valoração das nossas leituras de mundo e que tudo isso é bem mais complexo que o fato de simplesmente decodificar signos linguísticos, estaremos na busca de uma leitura crítica, que, segundo Freire (2001, p. 261): “Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha”.

E, com base nisso, podemos começar a pensar em como podemos auxiliar nossos educandos a encontrarem esse caminho (o da leitura) para que possam se servir da autonomia intelectual, da independência de reflexões pessoais que podem ser alcançadas através dela.

Ademais, a leitura é um direito de pleno exercício da cidadania, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, como nos afirma a Lei nº13.696, de 12 de julho de 2018, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Essa política pública, inclusive, propõe ações governamentais de fomento à democratização da leitura através de incentivo cultural e financeiro em processos de criação, formação, pesquisa, difusão e intercâmbio literário. Está vinculada com o Plano Nacional de Educação (PNE), com o propósito de articular a criação e implantação de planos estaduais e municipais em prol da leitura.

Para fomentar a nossa reflexão, fez-se pertinente trazer os apontamentos do professor Vicente Jouve (2002) e observarmos as relações entre seu posicionamento em relação a leitura e a libertação através dela. Deste modo, vejamos que segundo ele “a leitura como experiência

estética, é, portanto, sempre tanto libertação de alguma coisa quanto libertação para alguma coisa” (p. 108). O autor também salienta que no momento que o leitor, por meio da leitura, se põe a imaginar, ao mesmo tempo ele passa a ter a possibilidade de recriar e esse ciclo pode levá-lo ao que o autor chama de libertação.

Pensando nisso, podemos voltar ao conceito do educador Paulo Freire que explicava a possibilidade de “escrita” e “reescrita” através da leitura e relacionar aos de Vicente Jouve que nos expõe as palavras “criar” e “recriar” e a partir disso, podemos pensar que são dois conceitos diferentes, apresentados de formas diferente, por diferentes linhas de pesquisa, mas que ambos os caminhos nos mostram que no final da rua onde acaba a leitura se inicia um trajeto para a liberdade.

Leitura e Libertação: Da Sala de Aula Para a Vida

Através das contribuições dos estudiosos referenciados, pomonos a pensar que instigar a leitura crítica nas nossas salas de aula, é uma relação de amorosidade entre o texto e o estudante. Construir esta relação vai ao encontro do que Freire aponta:

[...] é na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando (FREIRE, 2020, p. 12).

Estabelecer uma convivência curiosa, entrelaçando os aspectos de vida, os anseios, os desejos do aluno com o texto é uma conexão de amorosidade, em que o sujeito só é sujeito porque é ativo; ser pensante, que busca na compreensão da escrita sua independência de pensar.

Entendemos que um caminho possível para que essa boa relação se estabeleça possa ser o de dar o espaço para que as experiências leitoras dos estudantes sejam legitimadas e valoradas tanto quanto qualquer texto a ser trabalhado. As experiências leitoras, e nesse caso nos referimos às leituras de mundo e de vida dos nossos educandos, não devem ser anuladas ou ignoradas para que deem lugar às leituras institucionalizadas. Apontamos essa reflexão porque acreditamos que, ao ignorar as leituras de mundo dos estudantes, podemos estar favorecendo para que a autoconfiança deles/delas seja prejudicada, assim como seu entusiasmo pela leitura por não verem finalidade na mesma, uma vez que se apresenta tão distante de suas realidades. A exemplo disso, trazemos a experiência de alfabetização em 1963, liderada por Paulo Freire, na cidade de Angicos, sertão do Rio Grande do Norte. No contexto de Angicos, Paulo Freire e sua equipe chegaram na cidade, se integraram no grupo, escutaram os trabalhadores, ouviram os problemas daquela comunidade e entenderam o vocabulário básico local.

De porte de todos esses conhecimentos, começaram o processo de alfabetização. Utilizando como uma das palavras geradoras a palavra “belota”⁴ (que era de conhecimento de todos/todas do grupo). A partir disso, fazemo-nos o seguinte questionamento: será que se tivessem utilizado, por exemplo, a palavra “computador” como palavra geradora, teriam alcançado os mesmos resultados benéficos que obtiveram naquela época no que diz respeito à alfabetização? Supomos que não, visto que “belota” originou várias outras palavras, porque,

⁴ Belota era “uma corruptela local da palavra borlota e designava um enfeite usado em redes e nos rebenques de couro, muito comuns na região” (BEISIEGEL, 2010, p. 51)

por ser de conhecimento de todos/todas, encorajou a expelirem outras palavras cotidianas e, assim, o conhecimento ia sendo construído coletivamente.

Pensamos que se utilizassem a palavra “computador” poderia ter havido uma ruptura desse processo espontâneo e evolutivo da aprendizagem (pelo menos, se pensarmos na forma inicial do processo, pois, na medida em que fossem avançando os estudos, a palavra computador poderia, também, entrar no repertório dos estudantes). Mas, no contexto inicial, a palavra “computador” não fazia parte das palavras conhecidas pelo grupo, assim como o próprio objeto era algo muito distante daquela comunidade que não possuía sequer energia elétrica.

Trazendo para o âmbito da leitura, verifica-se a importância de expor os estudantes aos mais diversos tipos de textos, facultando a eles o direito de escolherem o que vão ler, algo que lhes traga deleite, que faça sentido para sua existência, que os faça desenvolver o apreço pela leitura. De acordo com Celso Ferrarezi JR e Robson Carvalho (2017, p.39): “Quando sente prazer pela leitura e, por isso mesmo, torna-se sujeito dela o leitor dá-se ao direito de intuir e agir sobre o que lê. Aí e só aí ele está capacitado a começar a atribuir causas aos efeitos que lhe dão prazer”.

Entretanto, se a vida deles/delas está tão distante das palavras de um texto ao ponto que seja necessário realizar uma dicotomia entre leitura de mundo e leitura da palavra, esse texto pode não lhes dizer nada e tão pouco pode os incentivar a alguma coisa. Neste ponto, essa reflexão nos remete às vivências do educador Paulo Freire em solo africano, quando ele foi convidado a repensar as questões sobre educação no país e na obra “Cartas à Guiné Bissau” ele cita o seguinte trecho:

Guiné-Bissau não parte de zero, mas de suas fontes culturais e históricas, de algo de bem seu, da alma mesma de seu povo, que a violência colonialista não pôde matar. De zero ela parte, com relação às condições materiais em que a deixaram os invasores quando, já derrotados política e militarmente, numa guerra impossível, tiveram de abandoná-la definitivamente após o 25 de Abril, com um legado de problemas e de descaso que diz bem do “esforço civilizatório” do colonialismo. (FREIRE, 2014, p. 11)

Freire (2014) destaca que primordialmente é preciso levar em conta toda a história anterior de Guiné Bissau, nada é deixado de lado. Ele evidencia em suas palavras que tudo partirá, se reconstruirá a partir da alma do povo africano, ou seja, da essência desse povo.

Para nós, enquanto educadores e mediadores da leitura, se faz necessário pensar nessa perspectiva, pois, para que ao sermos apresentados a um novo estudante ou a uma nova turma, possamos olhar para esses/essas como Freire olhou para Guiné Bissau, agregando valor a tudo que existiu antes de nós na vida desses educandos. Ou ao contrário, temos a opção de agir como os colonizadores que antecederam Paulo Freire no país, impondo o que acreditavam sem levar em conta nada mais. Que sejamos livres para escolhermos como agir, mas que jamais ajamos sem refletir, que façamos escolhas conscientes. Nessa perspectiva, Paulo Freire nos auxilia a pensar que, sendo nós educadores, um dos nossos principais papéis é fazer com que nossos educandos sejam sujeitos ativos do processo que nos propomos e, para isso, ele vai nos orientar que:

[...] o que se coloca a tal educador é a procura dos melhores caminhos, das melhores ajudas que possibilitem ao alfabetizando exercer o papel de sujeito de conhecimento no processo de sua alfabetização. O educador deve ser um

inventor e um reinventor constante desses meios e desses caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos. Sua tarefa não é a de servir-se desses meios e desses caminhos para desnudar, ele mesmo, o objeto e depois entregá-lo, paternalisticamente, aos educandos, a quem negasse o esforço da busca, indispensável ao ato de conhecer. (FREIRE, 2014, p. 13)

Além disso, ele esclarece que devemos ser “inventores” e “reinventores” de meios que possibilitem a reflexão crítica dos educandos em relação aos objetos a serem estudados. Quando o autor coloca a palavra “reinventores”, entendemos que nos apresenta o desafio e a possibilidade de reconstruir nossas práticas, propondo intervenções que problematizem, de forma ativa, a atuação do estudante no processo de aprender. Parafraseando o ditado popular, é como oferecer a vara de pescar, sinalizando o melhor ponto de pesca, buscando acurar a isca, evidenciar o favorecimento das condições climáticas e não entregar o peixe já apreendido.

Outro ponto a ser debatido é o fato de como lemos e como orientamos nossos estudantes a lerem. Para fomentar essa reflexão, observarmos o que diz o educador Paulo Freire:

[...] o importante, de fato, na alfabetização de adultos não é o aprendizado da leitura e da escrita de que resulte a leitura de textos sem a compreensão crítica do contexto social a que os textos se referem. Esta é a alfabetização que interessa às classes dominantes quando por diferentes razões, necessitam estimular, entre as classes dominadas, a sua "introdução ao mundo das letras". E quanto mais “neutras” fizera estas classes sua “entrada” neste mundo, melhor para aquelas. (FREIRE, 2014, p. 22)

As palavras de Freire (2014) estão direcionadas à formação de adultos, mas podemos nos valer delas para outros processos de formação leitora, visto que o que o texto nos apresenta, de forma entusiástica, é que mais importante do que o ato de ler é o processo de relação crítica com o escrito. Destarte, o movimento de buscar na leitura conexões com os contextos e vivências sociais permite ao leitor construir uma compreensão de mundo que o instrumentaliza a perceber, por sua própria ótica, as relações de seu tempo. No caminho inverso a essas conexões estarão as interpretações impostas por outras lentes, com interesses dominadores. Cabe explicitar que o termo dominador elencado por Freire (2014) refere-se às classes dominantes, detentoras de maiores recursos financeiros e, por este viés, impõe perspectivas neoliberais de exploração aos menos favorecidos e instruídos.

Para elucidar as palavras de Freire podemos mencionar um exemplo recente de dominação e relação de dominantes e dominados, não precisando nem sequer viajar muito ao passado para relacionar à época em que o educador mencionou o conceito. Pois, no início do ano de 2021, após rigorosa investigação do trabalho escravo em todo o país, uma força-tarefa composta por diversos órgãos e auditores fiscais do trabalho conseguiram resgatar 110 pessoas em condições semelhantes à escravidão. Ao longo do ano passado, um total de 942 trabalhadores foram resgatados, segundo publicação do Ministério da Economia do país⁵.

⁵MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Operação resgata 110 trabalhadores em situação análoga à escravidão. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2021/trabalho/fevereiro/operacao-resgata-110-trabalhadores-em-situacao-analoga-a-escravidao> Acesso: mar 2021.

O que pretendemos ao trazer esses dados é reafirmar a importância de formarmos nas escolas, leitores aptos a construir compreensão de mundo em que vivem, para que números como os citados acima, deixem de existir. Para que as pessoas sejam capazes de “lerem” e compreenderem situações, que se não entendidas, podem levá-las a dominação/escravização, tanto no nível macro (como o exemplo noticiado), como em tantos outros casos que acontecem de forma rotineira e, muitas vezes, quase imperceptível.

De forma análoga, enquanto professores, se não instigarmos a leitura crítica da palavra e do mundo podemos estar apenas instituindo as concepções que acreditamos e a consequência disso poderá ser o aprisionamento dos nossos educandos a uma única visão de mundo: a nossa, a dos livros, a dos escritores, e a de outros.

No entanto, se nos propomos a fomentar a criticidade, podemos estar mais próximos daquele caminho que viemos conversando desde o início deste texto. É o percurso da libertação propiciada pela leitura crítica do mundo e da palavra, que explora a tomada de consciência sobre o eu, o outro e as relações.

Podemos tomar como exemplo, da premente necessidade de tomada de consciência através da leitura, as relações do público leitor com as *fake news*. Tomadas de acordo com Allcott e Gentzkow (2017, apud DELMAZO e VALENTE, p. 3, 2018) como “artigos noticiosos que são intencionalmente falsos e aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores”. Certamente, o desenvolvimento da criticidade, na forma de uma leitura atenta, permitirá uma análise mais intrínseca, tornando-se uma ferramenta poderosa de combate a proliferação exponencial com que essas informações circulam, principalmente, nas redes sociais. Tamanha a capacidade de expansão das informações via digital é o que aponta a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2021), citada anteriormente em que 67% dos entrevistados afirma utilizar a leitura na internet como busca de informações em geral.

Esse caminho não se limita a ser percorrido apenas pelos estudantes, uma vez que, sempre será via de mão dupla, nós educadores, no momento que acreditamos nessa perspectiva, sempre caminharemos de mãos dadas com nossos educandos por essa mesma estrada de libertação a cada leitura, ou seja, estaremos no processo de nossa própria libertação. Nesse aspecto, Paulo Freire nos orienta que:

O importante, na verdade, num tal trabalho com o povo, é o exercício daquela postura crítica diante da realidade, em que esta começa a ser tomada, cada vez mais rigorosamente, como objeto de conhecimento, na análise da própria ação transformadora sobre ela. É ter na atividade prática um objeto permanente de estudo de que resulte uma compreensão da mesma que ultrapasse o seu caráter imediatamente utilitário. É ter nela não apenas a fonte do conhecimento de si mesma, da sua razão de ser, mas de outros conhecimentos a ela referidos. (FREIRE, 2014, p. 25)

As reflexões trazidas nessa discussão podem extrair aspectos a serem aplicados em sala de aula, no contexto da escola, ou até mesmo fora dela e no mundo para que possamos alcançar o maior número de leitores críticos nesse país tão carente de criticidade. Mas, para que isso se efetue, talvez seja necessário repensarmos a relação da escola com a leitura, pois em muitos casos, a leitura é utilizada para fins pedagógicos e, nesse caso, não abre espaço para uma ação interpretativa que permita o leitor vivenciar a leitura. Os professores Celso Ferrarezi JR e Robson Carvalho relatam um exemplo de atividade de leitura comum nas escolas. Vejamos:

[...] faz-se a aplicação do texto, que nunca é para a vida, para alguma dimensão existencial do aluno, mas para fins “pedagógicos” do ensino da gramática, e, então, se revela a existência de, por exemplo, uma oração subordinada adverbial temporal, nunca antes vista pelo aluno, e que agora ele tem de ver, decorar e repetir na prova (e isso enterra, de vez, qualquer tentativa de exploração pessoal, existencial, por um sujeito) daquele fragmento de texto presente no livro didático) Um livro didático comum funciona assim. E isso tem de ser feito rapidamente, porque tem de sobrar tempo para os exercícios de gramática normativa. (FERRAREZI E CARVALHO, 2017, p.30)

Diante disso, e em busca de maneiras que possam reverberar nas escolas para fomentar a leitura crítica, nos interessa olharmos com afinco para as palavras do Paulo Freire sobre a mesma temática:

[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2017, p.15).

Percebe-se nos posicionamentos dos autores que a leitura crítica exige do leitor ações de interação com o texto. Desse modo, é necessário que o leitor mobilize seus conhecimentos prévios em relação à linguagem, ao entendimento que tem de si e de suas percepções acerca do mundo. Ao dialogar com o texto, o leitor será capaz de agregar sentidos a ele. E esses diálogos e produções de sentido, conforme Celso Ferrarezi (2017), podem ser os principais responsáveis pelo nascimento do prazer pelo ato de ler. Ademais, “quando sente prazer pela leitura e, por isso mesmo, torna-se sujeito dela, o leitor dá-se o direito de intuir e agir sobre o que lê. Aí e só aí, ele está capacitado a começar atribuir causas aos efeitos que lhe dão prazer” (FERRAREZI, 2017, p.39).

Sendo assim, porventura, um bom primeiro passo a ser dado em busca de aspectos que possam ser aplicados em sala, é o fomento ao desenvolvimento do poder estético da leitura antes de qualquer outro aspecto. E nesse sentido, o que pode ser feito é expor os estudantes ao maior número de obras possíveis, assim como, a diversos gêneros textuais. Pensamos que se o acesso aos livros for facilitado nas escolas, se as salas de aulas se tornarem repletas deles, se nas bibliotecas escolares se extinguir o medo de que os estudantes possam “estragar” os exemplares e, se não mais utilizarmos o texto com um mero pretexto para se trabalhar partículas gramaticais, poderemos estar favorecendo para que o encontro do leitor com a leitura se dê de forma natural, como se estivessem conhecendo uma pessoa que em breve se tornará seu melhor amigo, mas que no primeiro momento a única coisa que interessa é a curiosidade por esse ser que se mostra tão instigante.

Sabe-se que o desenvolvimento do prazer pela leitura, de acordo com Celso Ferrarezi (2017, p.33) “percorre o mesmo caminho das descobertas da vida: primeiro o prazer, depois a intuição e, só muito mais tarde, a racionalização.” Vejamos que se utilizarmos o texto como um pretexto para atividades, por exemplo, gramaticais, estaremos invertendo o curso natural da ação, uma vez que, iniciariamos o processo pela parte final, a racionalização. Assim, corre-se o risco de não conseguirmos oportunizar ao estudante a parte do prazer pelo ato de ler, pois no

processo de racionalizar a leitura antes dele ter sentido o prazer pelo que leu, podemos perdê-lo enquanto leitor.

Vimos que as metodologias de leitura que valoram o lugar de fala dos estudantes e partem desse princípio para auxiliá-los nas construções de novos saberes, são mais eficazes do que aquelas impostas a eles sem reconhecer seus conhecimentos prévios.

Que ler pode ser visto como uma oportunidade para o autoconhecimento e para conhecer o real mundo que nos cerca, com suas belezas, mas também, com suas mazelas. E a partir desses conhecimentos se instaura um ambiente favorável para um agir no mundo de forma autêntica, autora e consciente.

Assim como, conforme a autora Michèle Petit (2009, p.85) “por meio da leitura, a uma diversidade de pontos de vista, a uma abertura, a um distanciamento crítico”. Essas palavras da autora, corroboram ainda mais as nossas reflexões, de que a leitura pode ser uma defesa poderosa contra a dominação e, justamente por esse motivo, acreditamos fortemente nela como promoção de libertação.

Além disso, podemos utilizar como gatilho para todas as reflexões trazidas nesse texto, a seguinte frase da autora Michèle Petit (2009, p.131) “tornando-se leitor, cada uma passa a ser ator e autor da própria vida, formulando o seu próprio texto”.

Buscar estratégias para tentar auxiliar os educandos a serem autores das suas próprias vidas é o que acreditamos ser a essência da formação de leitores e é por esse motivo que esse trabalho se justifica.

Caminhos Possíveis

Com as discussões aqui traçadas busca-se entender a palavra leitura para que, a partir disso, pudéssemos pensar estratégias que fossem libertadoras para promover formação de leitores críticos em nossas salas de aula e, para além disso, para a vida.

Essas reflexões fazem-se necessárias devido ao fato de observamos com frequência, em nossas salas de aula e até mesmo fora delas, um grande quantitativo de pessoas capazes de decodificarem signos linguísticos, mas muitas vezes com grandes dificuldades de pensarem criticamente sobre os mesmos e reverberarem sobre as relações da leitura com suas vivências.

Pensando nas consequências disso, pois somos sabedores que a falta de criticidade pode nos levar a sermos facilmente dominados, estamos em busca de conhecimento que possa ser utilizado contra qualquer tipo de alienação ou dominação: a leitura. E, para além disso, tentamos entender como podemos ser mediadores ou auxiliar na formação de leitores críticos.

Deste modo, por acreditarmos na libertação através do conhecimento e por termos a clareza de que a possibilidade de se enlaçar a esse conhecimento é um direito de todos os cidadãos, apresentamos esse trabalho a todos os nossos colegas educadores ou aqueles que mesmo não sendo educadores acreditam nessa causa, para que estejamos engajados a pesquisar, estudar e refletir sobre o ato de ler e sempre que for possível que possamos também agir em prol da leitura crítica.

Referências

- AGÊNCIA BRASIL. *Analfabetismo resistente no Brasil e no mundo do século 21*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/201909/analfabetismo-resiste-no-brasil-e-no-mundo-do-seculo21#:~:text=Analfabetismo%20funcional,-As%20estat%C3%ADsticas%20do&text=Testes%20cognitivos%20aplicados%20no%20ano,popula%C3%A7%C3%A3o%20C3%A9%20considera%20E2%80%9Cproficiente%20E2%80%9D>. Acesso em: abr 2021.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.
- DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. *Fake News nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques*. In: *Media & Jornalismo*, vol.18, nº 32 (2018). Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11 Acesso em: mar. 2021.
- FERRAREZI JR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. *De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 2ª edição. Editora Paz e Terra, 2014.
- _____, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*: Volume 22. Cortez editora, 2017.
- _____, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 63ª edição. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.
- _____. Paulo. *Carta de Paulo Freire aos professores*. In.: *Estudos Avançados* 15 (41). 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf> Acesso em: abr 2021
- JOUVE, V. *A leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3ª ed., 12 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.
- LEI FEDERAL Nº 13.696, de 12 de julho de 2018. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm Acesso em: abr 2021.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL. Instituto Pró-livro. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em: mar. 2021.
- PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____, M. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

AUTOR 1 – Janaína Vieira

E-mail: vieirajana@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-8780-3943>

AUTOR 1 – Cátia Martins

E-mail: catia.martins@feliz.ifrs.edu.br

<http://orcid.org/0000-0001-7355-0191>

Recebido em: **20/04/2021**

Aprovado em: **15/05/2021**